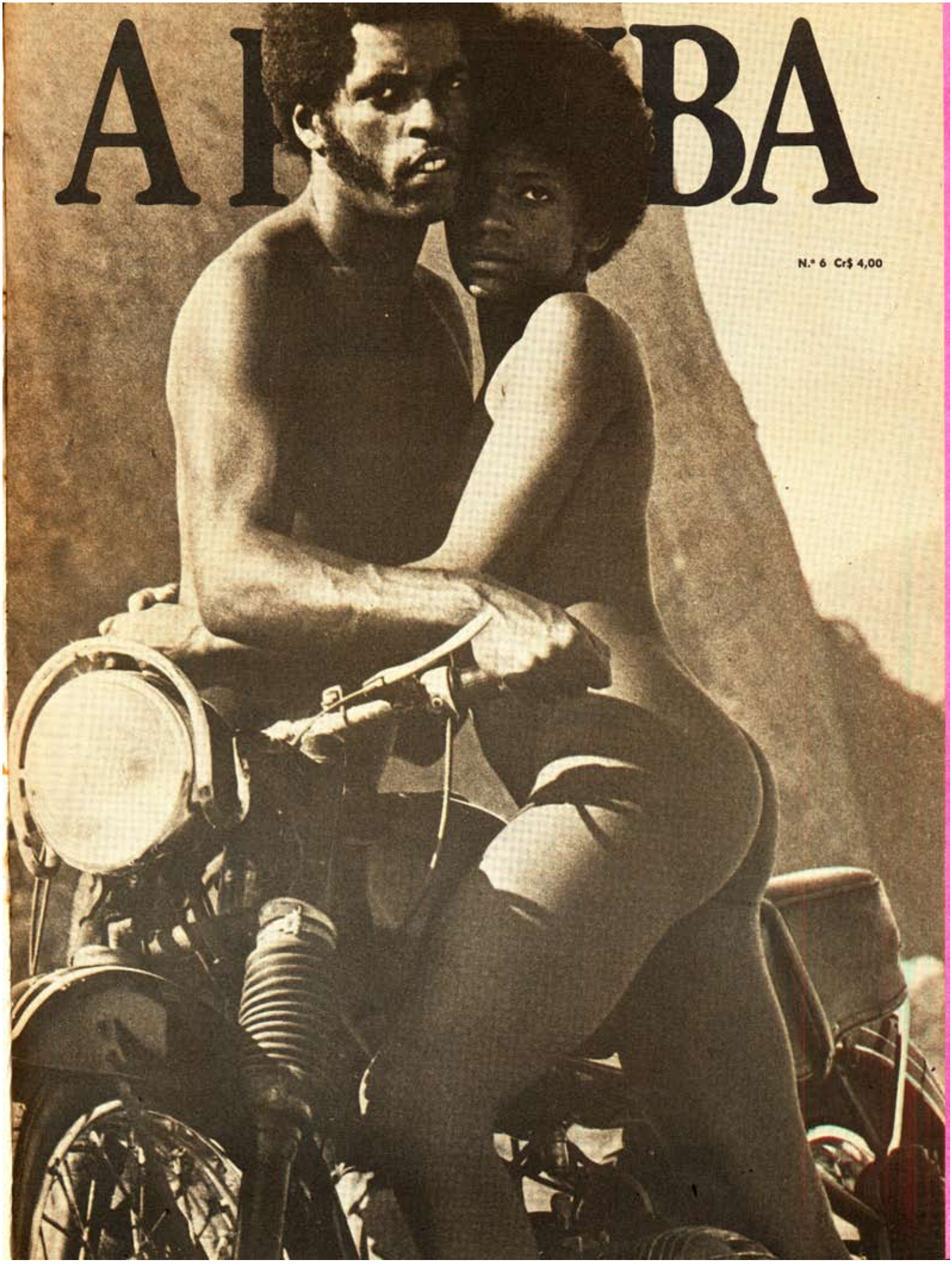
AFRICA

N.º 6 Cr$ 4,00



"Na literatura de Ary Quintella o que tem importância absoluta é o personagem, é a fauna estranha e variada que funciona nas suas histórias pequenas, gente que pode ter qualquer nome e usar qualquer passaporte, porque é gente tão pròpriamente pessoal que pode nascer em qualquer canto sem prejuízo de sua identidade. Uma certa identidade intransferível".

"Não é que êle tenha a preocupação de se mostrar diferente, o que viria a ser apenas superficial ou inocente; mas é porque é diferente mesmo. Tem o seu ângulo especial para enfoque, recebe o santo sem cambono, cantando o ponto à sua moda".

"Logo depois se registre a linguagem de Ary Quintella, cheia de zigue-zagues e breques, e no fim tão coloquialmente saborosa; é êle um dêsses autores que em vez de usarem a linguagem, deixam a linguagem usar dêles - assim uma espécie de embalo"

RACHEL DE QUEIROZ

Um lançamento da

Editôra Bonde

COMBATI O BOM COMBATE

O primeiro romance de ARY QUINTELLA

Pedidos também pelo reembôlso postal.
C.P. 15.065
Cr$ 4,00

A POMBA

Editor	**Eduardo Prado**
Diretor Administrativo	**Carlos Hamilton Rocha**
Publicidade	**Studio Redinger/JG**
Departamento de Arte	**Carla Strada**
Ilustradora	**Elvira Vigna**
Fotografia	**Ricky**
Redator	**Augusto Figueiredo**
Processamento fotográfico	**Leo Ezsequiel**
Secretária de Redação	**Ivonete Silvestre**

CONTEÚDO

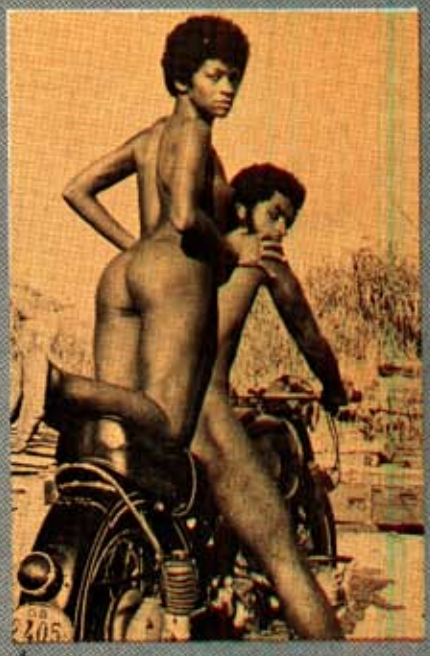
O TUNEL ***(conto)*** ..... DOMINGOS OLIVEIRA 6
MARILIA PERA ***(entrevista)*** 8
A BRAGUILHA ***(humor)*** ..... JOTA RUY 14
A CILINDRADA ***(fotos)*** ..... RICKY 17
REDI ***(humor)*** ..... REDI 26
A ESTRADA ***(artigo)*** ..... JOEL MACEDO 30
O ÉDITO FINAL ***(conto)*** ..... MARCILIO MORAES 36
IN ***(fotos)*** ..... RICKY 38
SIDEUBEM ***(humor)*** ..... AL 46
CAPA: ..... RICKY

A POMBA é publicada mensalmente pela POSTER GRAPH EDITORA Ltda. Redação e publicidade: rua Álvaro Alvim, 33/37, grupo 1013 - Rio de Janeiro - Tel.: 232-8637. Caixa Postal 15.065 - Redator Responsável: Eduardo Prado. **Originais:** originais não solicitados, submetidos à redação de A POMBA, não serão devolvidos. É proibida a reprodução total ou parcial, de textos ou de fotografias, sem a permissão dos editores. Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos colaboradores. Prêço do número avulso: Cr$ 4,00. **Assinaturas:** Cr$ 48,00 (um ano); Cr$ 90,00 (dios anos). A POMBA é distribuida para todo o país pela DISTRIBUIDORA IMPRENSA Ltda. Rua do Resende, 100 - Rio de Janeiro. Tel.: 222-8817. **CIA. FON-FON COMPÔS E IMPRIMIU**

1

2

3



4

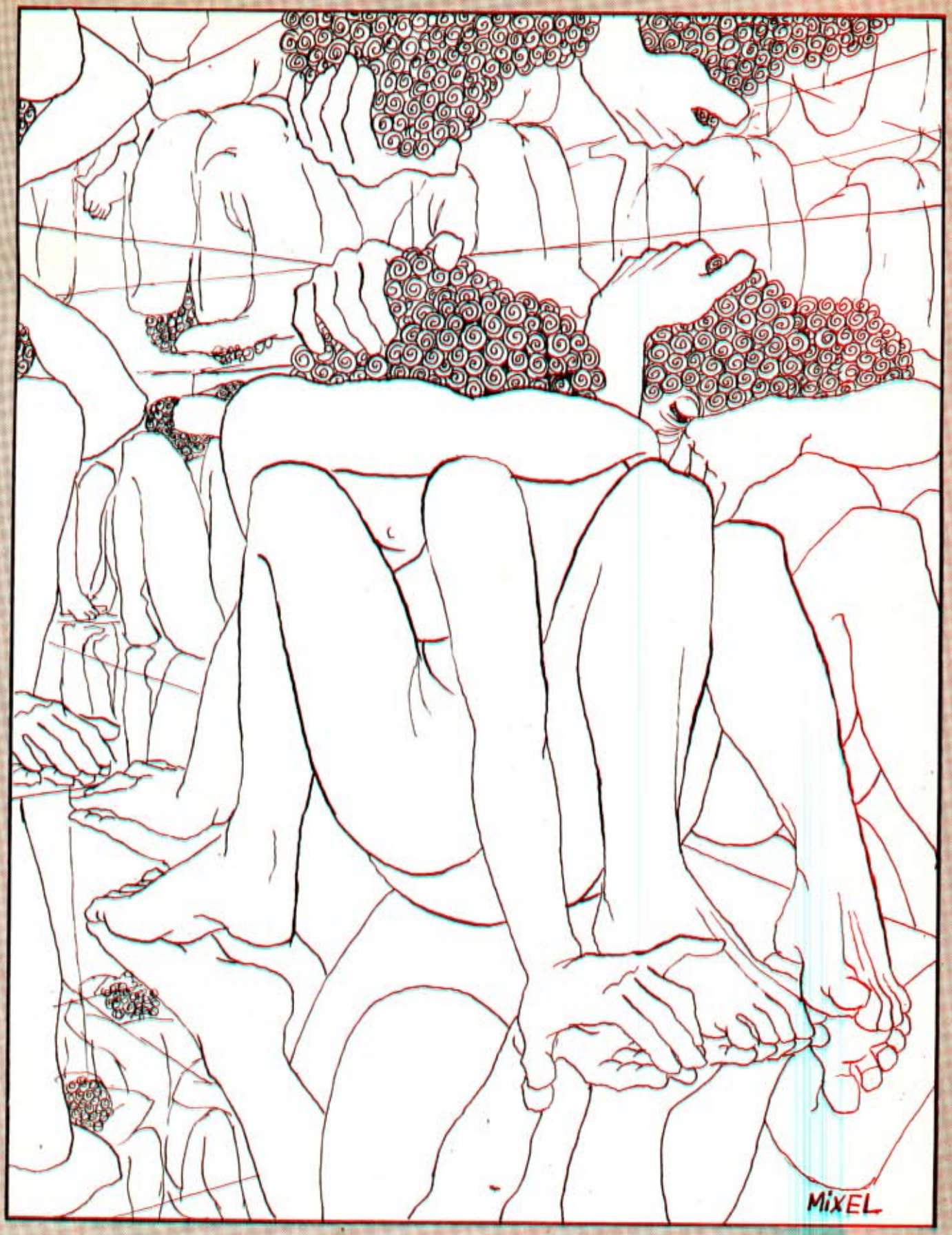
1 - Marilinha e Paulinho Bôca de Cantor. O misticismo da nudez. A dôr, o amor. O grupo primitivo **(pág. 38)**

2 - Como viajar de carona pelo mundo? Os códigos de estrada, os macêtes, as melhores rotas só conhecidas pelos "flowers" que pecorrem as vias do mundo sem dinheiro e sem bagagem **(pág. 30)**

3 - Domingos Oliveira, cineasta, e Isabel Câmara, teatróloga, conversam com Marília Pêra. Marília Pêra, a maravilhosa **(pág. 8)**

4 - Tôdas as informações sôbre as principais marcas de motocicleta. Modêlo, cilindrada, prêço e velocidade máxima. A motocicleta, que agora volta à moda. **(pág. 17)**

MIXEL



Estou no escuro, depois de tantas semanas, meses talvez, dentro dêste lugar. Sei que estou numa enorme caverna, mas não me lembro como vim parar aqui. Sei sòmente que, de vez em quando, essa escuridão tão pesada dá lugar a umaintensa claridade. É como se o sol estivesse há poucos metros de nós. Mas não sinto calor. Sempre êsse frio, ao qual já começo a me acostumar.

Quando a luz acende, meus olhos doem tanto que cubro com as mãos, para não ver. Mas ela é tão intensa que atravessa tudo. Abro então os olhos. Às vêzes por vontade própria, às vêzes porque me obrigam. Numa delas eu insisti em apertar minhas mãos contra o rosto. Recebi então uma violenta chicotada que me causou uma ferida que vai, reta, de meu rosto até minha perna. Outra vez foi uma facada, desferida na minha coxa. Não consigo nunca, quando abro os olhos, ver de onde vem o castigo.

Quando a luz acende, o que vejo é que estou numa imensa caverna, sem nenhuma saída possível. No chão estou sòzinho, mas nas paredes e no teto incrustados, debatem-se homens e mulheres. Alguns estão mutilados. Da última vez que a luz acendeu tive a impressão de que as paredes tendem a absorvê-los, tendo até alguns já desaparecido.

Durante muito tempo me preocupei em saber se a luz acendia com regularidade ou não. Tentei então contar, lentamente e sempre do mesmo modo, enquanto estava no escuro. Uma vez cheguei a mil e pouco, outra à apenas duzentos e cinquenta, outra à quatrocentos. Não sei, porém, se isso significa alguma coisa, pois tenho a impressão de que não consigo controlar bem a velocidade da contagem. Além disso, estou tão cansado ! De vez em quando adormeço, e talvez a luz já tenha acendido enquanto eu dormia.

A luz não acende há muito tempo. Uma idéia me assalta e atemoriza. Temo que tenha ficado cego, por alguma razão. Que ela já tenha acendido, que esteja acesa agora, nesse exato momento e que eu não possa vê-la porque estou cego, por alguma razão.

Penso assim porque sinto meus olhos arderem. Além disso, não consigo ver realmente nada, por mais que me esforce. Será possível existir escuridão tão absoluta ?

Da última vez que vi a caverna, notei, ao longe, se bem que não posso afirmá-lo, uma mancha escura que me pareceu a bôca de um possível túnel. Logo a luz apagou, antes que eu pudesse ao menos orientar-me. Desde então, estou tentando achar o túnel.

Primeiro andei muito, na direção que julguei correta, procurando a parede da caverna. Nunca pensei que fôsse tão longe. O chão da caverna é bastante irregular, o que me fez tropeçar sempre. Machuquei-me bastante. Sim, estou nu.

Agora palmilho a parede, úmida, em alguns lugares cortante. Encosto meu rosto contra ela e acho agradável. Permaneço assim muito tempo.

Achei o túnel. Realmente, é um buraco cavado na rocha e posso sentir que êle tem pouco menos que um metro de largura. É mais alto que minha mão pode alcançar. Penetro então, com muita cautela. Súbito, minha cabeça bate no teto. Verifico então, tateando, que a altura do túnel diminui ràpidamente.

Agora já sou obrigado a me abaixar, e cada vez mais.

As pontas de meus dedos, que vão na minha frente, encontram formações cilíndricas, estalactites, separadas umas das outras por alguns centímetros. Tampam tôda a passagem, como uma harpa. O túnel tem agora pouco mais de meio metro de largura e no máximo um e meio de altura. Penso então que êle diminuirá sempre e não terá saída. Resolvo tentar a passagem, quebrando as estalactites. Tento primeiro com as mãos arrancá-las, separá-las. Não consigo, são fortes. Experimento então um pontapé e quebro uma Depois outra e outra Consigo então pas sar, embora tenha de virar de costas. Logo me oriento na direção certa.

O túnel baixa o seu teto cada vez mais. Quero pela primeira vez voltar porém noto, olhando para a frente, qualquer coisa como uma vaga luminosidade. Também o ar me parece um pouco leve e talvez sinta menos frio.. A esperança que o túnel me leve à liberdade me anima.

O próximo passo encontra o vazio. Sim, há um buraco na minha frente e todo cuidado é pouco. Ajoelho-me perto da borda, para examiná-lo melhor. Minha mão não consegue tocar a outra borda. Experimento jogar dentro dêle um pedaço da estalactite. É tão fundo que não ouço nada, senão um silvo da estalactite cortando o ar. Fico apavorado, quero desistir, mas a tênue claridade me obriga a continuar. Junto às paredes do túnel pequenas saliências, poucos maiores que meu pé, ladeiam o buraco. Poderei passar, andando de pernas abertas caso queira correr o risco.

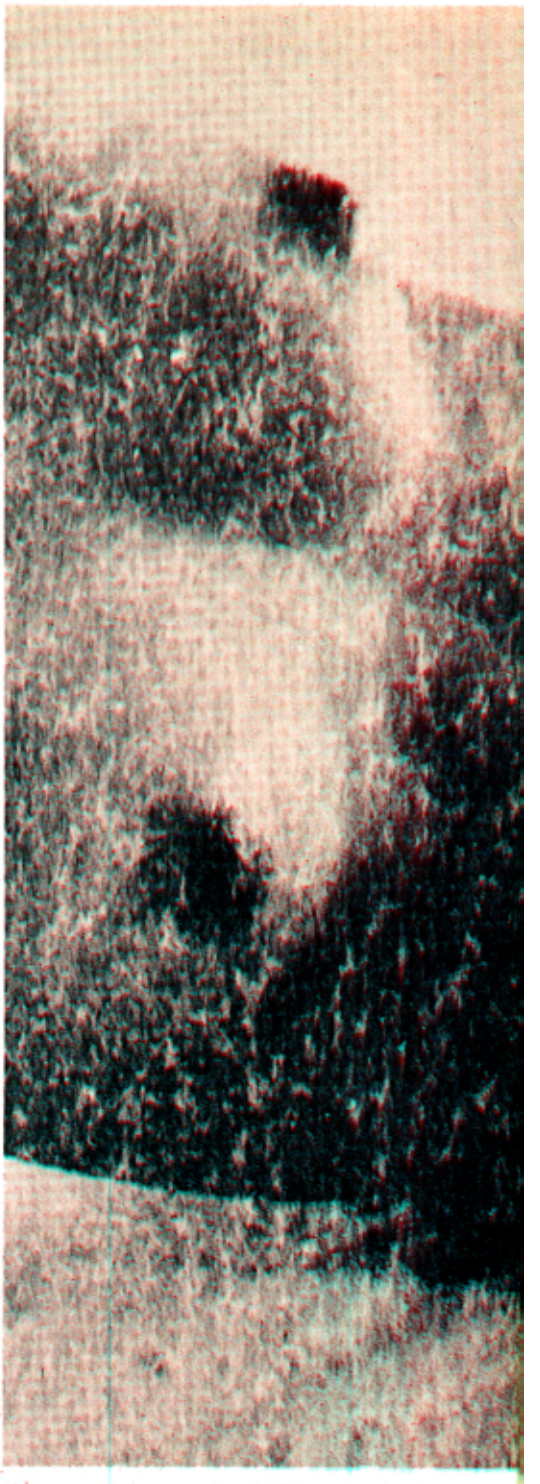
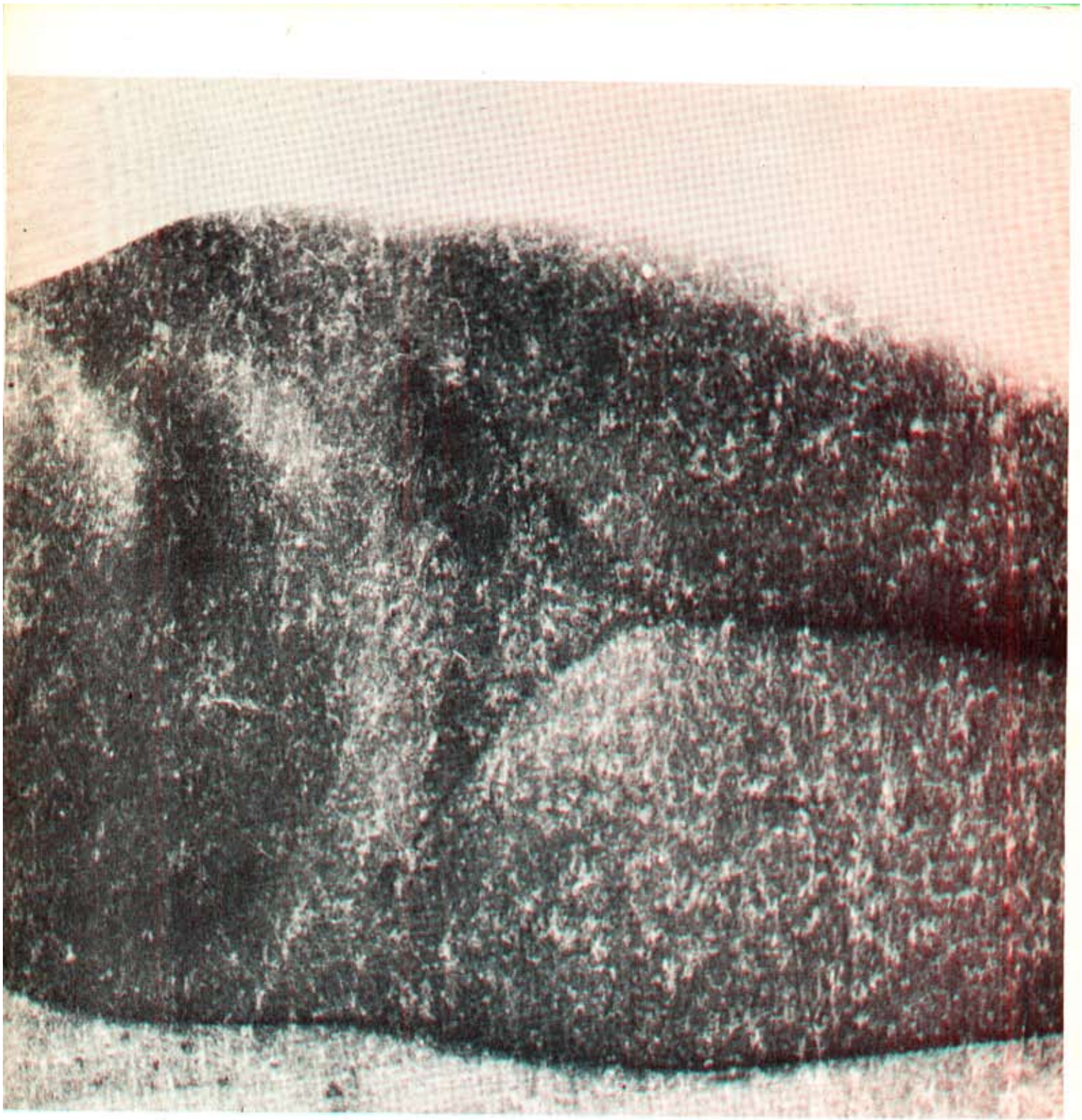


foto de LUIS REDINGER



Um conto de **DOMINGOS OLIVEIRA**

O TUNEL

Marilia Pêra em A VIDA ESCRACHADA

ENTREVISTA COM *MARÍLIA PÊRA*, FEITA POR DOMINGOS OLIVEIRA E ISABEL CÂMARA.

DO — Marília, como é que a coisa começou?

MP — Foi assim. Eu tava trabalhando na novela Super Plá, e um dia, sentada no estúdio da televisão, esperando as horas que se tem que esperar para gravar meia cena, eu falei com o Hélio Souto: "E se a gente fizesse uma revista?" — Fomos falar com o Bráulio e pedimos que êle escrevesse a revista. Aliás êle não escreveu a revista, escreveu uma comédia musical. Em São Paulo eu apresentei como revista e foi uma mancada porque por isso eu não recebia a verba do Estado. Foi um espetáculo completo, o mais caro de São Paulo, e não recebi nem um tostão.

IC — É um absurdo. Joana tem categoria de humor

MP — Pois é, mas a crítica paulista não gostou do espetáculo, sabe?

DO — E quem é essa comissão que brecou tua verba?

MP — Críticos de teatro. Eu não sei direito o que houve, porque foi o André que tratou disso. Êle queria que eu fôsse lá falar com a Renata Palotini, que era simpática e tal, mas eu achei que não tinha que ir pedir uma coisa que todo mundo recebia sem esfôrço. Teve gente em São Paulo que estreou peça por duas semanas, três semanas, só para fazer os diazinhos da verba e depois tirava de cartaz, as vêzes nem dava espetáculo. O meu não ganhou porque primeiro não tinha verba; e depois, quando saiu a verba, por que era uma revista, e se êles dessem para mim teriam que dar também para as revistas da rua São João, daqueles outros teatros, sabe? Foi isso que alegaram

DO — Onde você aprendeu isso. de teatro de revista? Porque voce aprendeu, né?

MP — Meu pai fêz teatro de revista, mas antes deu nascer. Depois melhorou, fêz teatro de comédia. A mamãe foi *girl* durante muitos anos, antes de casar com papai. E com vários problemas por que ela era muito magra também. Ela adorava me contar casos, então eu sabia dessas historinhas e tal.

IC — Êsse negócio de magreza pelo visto é neurose familiar.

MP — Eu me acho muito magra. Eu emagreço um quilo por dia. Bom, mas a mamãe, quando eu tinha uns dez, doze anos, a mamãe fêz uma revista com a Virgínia Lane e Sônia Mamed, acho que "Entra na Canoa que a Bôca é Boa". E eu vivia lá pelos camarins, eu não podia ver o espetáculo, mas ficava lá convivendo com aquelas vedetes. Quando eu tinha 15 anos fiz "De Cabral a JK" que era uma revista familiar, no Teatro João Caetano. Depois trabalhei com o Colé como bailarina. Mas era uma época em que bailarina não se misturava com *girl*. Era cada uma no seu canto. Bailarina era um negócio mais fino, e *girl* era outra coisa. Quer dizer... sempre fiz teatro de revista, mas nunca como vedete, mas eu vi muito, assimilei muito.

DO — Por que quem não viveu isso, acho difícil fazer tão bem quanto você, logo de cara. Você vê a Leila, ela levou dois meses de Banana *para pegar a cancha, a improvisação. E improvisação é o que caracteriza o teatro de revista, né?*

MP — Olha, eu ficava trêmula nos ensaios. Tinha muito mêdo. Mas no dia da estréia acabou. Tôdas aquelas pessoas sorrindo bem humoradas, rindo à tôa, aplaudindo, acabou meu mêdo.

DO — Você tem alguma explicação para uma peça fazer mais sucesso no Rio do que em São Paulo?

MP — São várias coisas, sabe Domingos. Primeiro o espetáculo melhorou aqui no Rio. O teatro de São Paulo era ruim, muito grande, perdido. O palco aqui é mais bonitinho, a acústica é boa. São Paulo era contramão. E depois nós atravessamos em São Paulo uma crise que não foi mole, sabe? Sábado e domingo só algumas companhias davam espetáculo. Foi em novembro. Mas eu acredito que o espírito do carioca é mais alegre, sei lá. Entende melhor êsse tipo de espetaculo. No ano passado, em *Fala Baixo,* eu estava furiosa com o Rio. Em São Paulo as pessoas vibravam com o espetáculo. Aqui êles não aceitavam. Êles iam, não sei por que. Mas saiam no meio, riam fora de hora, nas pausas mais dramáticas elas gargalhavam. Eu parei várias vêzes o espetáculo porque tinha gente roncando na platéia, menininha rindo fora de hora. Mas parava mesmo e dizia: "Vão parar com essa bobagem aí, porque eu vou parar com essa porcaria aqui". Ficava aquele silêncio. Aí eu dizia: "Fecha o pano, começa tudo de nôvo. Dava uma de Dercy Gonçalves, para obrigar as pessoas a respeitarem pelo menos o meu suor. Mas o engraçado é que *Fala Baixo* deu mais dinheiro no Rio que em São Paulo. *Vida Escrachada* também vai dar mais dinheiro no Rio do que em S.P. Depois de um espetáculo como êsse eu tinha muita vontade de fazer um grande texto. Mas eu tenho pavor. Por que as coisas que você quer dizer, não vão te deixar dizer, e se você não disser essas coisas, as pessoas não vão querer te ouvir, por que fora isso você não tem nada a dizer. Então, aquele desespêro. O que que você vai fazer em teatro? Eu acho que foi também por isso que eu parti para essa esculhambação de revista. Por que revista, por mais que a censura mexa com ela — é terrível se mexer, chato — mas sempre a gente pode trocar por qualquer coisa que não tem importância. Mas se você faz um texto que te diz qualquer coisa lá no fundo e a censura cai em cima, como fizeram com *Fala Baixo,* é uma tragédia. Eu não sei o que fazer.

IC — Por que você não fica nua?

MP — Em pêlo? Ah... eu não gosto do meu corpo. Tenho o maior complexo. Razões puramente estéticas. Eu pareço um mico empalhado. Minha perna é fácil

de levantar porque é tão fina que não pesa.

IC — Como é que os outros te vêm?

MP — Quando me elogiam eu tenho a impressão que vou morrer no dia seguinte: "Como você é frágil, tão magrinha, tão dôce, mas com uma fôrça interior..." Eu fico me achando uma tuberculosa, sabe?

DO — Você é ciumenta?

MP — Muito. Saio correndo, bato as portas, quebro vidro, quebro prato nas paredes. Não tenho educação. Sou sim, um cavalo. Mas é horrível para mim, porque depois, eu acho que ferí demais as pessoas, fico preocupadíssima, Quero pedir desculpas, mas ao mesmo tempo eu não sei pedir desculpa, não sei chegar para a pessoa... É horrível. Mas agora tou aprendendo a me controlar. Conviver comigo é difícil, sabe? Meus amigos têm que me amar para me aguentar. Eu adoro êles, mas às vêzes êles me incomodam. E eu preciso ficar sòzinha às vêzes. Não ter ninguém perto, ninguém me agitando, não gosto de gente que me agita, fico desesperada, mas às vêzes preciso dessa agitação, sabe? Então para conviver comigo tem que saber quando eu quero e quando eu não quero.

DO — Realmente é um quadro assustador. Você é uma das poucas atrizes jovens que levam a sério a profissão.

MP — Mas eu não tenho outra saída, né, Domingos. É essa mesmo, canalizar para isso, porque senão... Sabe o que é, eu fui criada para isso. Com dezenove dias estava dentro de uma caixa de teatro, com 4 anos eu estreei no teatro, com 8 eu dava audição de piano fazendo charminho de atriz de maneira que as pessoas aplaudiam antes de eu tocar. Fui encaminhada para isso, entende? Não tenho outra saída. E depois, meu pai, minha mãe, minha avó, meu tio — a família inteira sempre levando na cabeça por causa do teatro. "Ah, por que o papel de fulano que era p'ra mim, sou melhor ator que êle... e é êle que vai fazer, e eu tou na miséria..." Ouvi isso durante tôda minha vida, milhões de anos. Então ficou dentro da minha cabeça: "Eu vou ser uma grande atriz, ganhar muito dinheiro". Aquela coisa de vingar a família. Eu acho que esse foi o começo da minha ambição. Eu não sou uma mulher realizada. Antes eu sabia porque fazia as coisas. Era vingar minha família, para não passar pelas coisas que êles passaram e passam até hoje. Minha mãe até hoje tá aí, fazendo uma pontinha aqui, uma pontinha alí. Meu pai morreu praticamente na miséria. Minha avó idem. Meu tio, com 79 anos tá ganhando cachezinho na televisão, em programa humorístico. Eu tinha que ser a salvação, então eu sabia porque queria as coisas. Mas agora que as coisas começam a acontecer, que eu estou com uma peça...

DO — De sucesso absoluto.

MP — Não. Não tenho êsse sucesso. Eu ando na rua, as pessoas não me reconhecem de jeito nenhum. Mas as coisas que eu quis fazer naquela época estou fazendo agora, e agora me pergunto: P'ra que?

DO — E o cinema?

MP — Minha experiência em cinema é pequena, eu fiz *O Homem que Comprou o Mundo*, *O Donzelo* e *Simonal*. Eu não tenho paciência sabe para que? P'ra ficar arrumadinha esperando a hora da filmagem. Eu vou desmontando. Cai a maquiagem, cai o cílio, cai o cabelo, cochilo no vestido. Aí quando eu acordo eu estou horrorosa, já esqueci tudo e fica tudo ruim.

DO — E teu filho, Marília, também vai fazer teatro?

MP — Já faz. Fêz uma ponta numa novela. Eu não queria deixar mas êle disse: "A senhora com 4 anos fazia teatro, eu com seis já

posso fazer também. "Passava os dias ensaiando, entusiasmadíssimo. Depois não assistia a novela, porque se achava horrível, que tinha uma voz horrível, etc..."

IC — Êle é tudo? Como é que é?

MP — Sabe, eu não sou o tipo de mãe, meiga, boazinha, carinhosa, que gosta de criança, não. Criança me irrita um pouco. Sou muito impaciente, Mas meu filho também não é de ficar agarrado em barra de saia. Talvez por minha causa. Mas eu acho que no fundo êle quer muito que eu seja feliz, não quer me incomodar, e eu também quero muito que êle seja feliz e também não quero incomodar êle não. A gente tem êsse tipo de relacionamento. Êle é muito mal-educado, é um encanto, mas é levado, esnobe, esnoba as pessoas, detesta criança, acha coisa boba, muito metido a besta. Quando êle faz alguma coisa que não gosto, e eu dou uns berros e uns tapas nêle, sai correndo pro quarto e eu acho que nós não vamos nos falar, por algum tempo. Porque batí nêle. Mas êle não tem a menor raiva, a menor mágua, êle continua falando comigo como se não tivesse havido nada, tranquilamente Aí eu acabo chorando, sabe. Eu vou lá, dou um beijo nêle, peço desculpas, êle fala que não tem porque pedir desculpas, que bobagem.

IC — E teu fã.

MP — Louco. Lê as críticas, tira fotografia, fala para tôda a praia que é o meu filho, se eu tou lá êle aponta.

DO — Você falou que era complicada. E psicanálise, você já fêz?

MP — Eu fiz um grupo lá em S.P. Mas era um grupo de teatro, pesquisa de teatro, e tinha psicodrama, com o Gaudêncio. Eu saí porque não cheguei a conclusão nenhuma, não sabia se era bom, se não era. Porque é violento demais, não é fácil eu ficar chorando, mas eu chorei várias vêzes, por causa dos outros, eu nunca fui lá pro meio. Êle nunca me chamou. Mas o André, por exemplo, foi um desespero. O grupo se desmanchou depois de um mês e meio, de modo que não sei se o curso, se terminasse, seria bom. Aí eu procurei o Gaiarça para fazer análise com êle. Primeiro êle não aceitava particular, sabe, só em grupo. Mas êle ficou comigo, "Eu vou tentar com você uma ou duas sessões para ver como é que fica". Aí eu chegava lá, falava, falava, e êle me olhava mas não me encara, sabe? Tirava os olhos de mim. Aí eu dizia "Por que você não olha p'ra mim? Me dá uma agonia você não me olhar" E êle dizia "Não, é por que você se inibe".

IC — Êsse *cara fundiu a cuca de todo mundo em S.P. Quase acaba com a classe teatral. Êle e o Gaudêncio. O Fauzi uma vêz chegou lá em casa com a cuca aqui, porque soube de umas coisas aí do Gaiarça. E o Gaudêncio não fica atrás. Pessoas maravilhosas como o Fauzi, que a gente conhece, caem exatamente na mão de um cara desses. O que êles esculhambaram com a vida das pessoas em S.P.! Por causa desse psicodrama, Flávio Império tá de quatro. Eu acho o seguinte, teatro é teatro, psicodrama é tratamento sabe? Não pode misturar coisa com coisa. Falei isso pro Fauzi, êle brigou comigo e nunca mais foi lá em casa.*

MP — Mas por um processo dêsse eu não passo não, sabe Isabel. Acho que eu tenho muita defesa. O Gaudêncio teve uma hora lá que deu uma de horóscopo: "Se você fizer isso, vai acontecer aquilo". Aí eu comecei a desconfiar um pouco. Mas o Gaiarça... sabe que o Gaiarça, eu adorava conversar com êle.

IC — O Gaiarça saía para fazer análise de grupo em barca. Levava todo mundo para o iate dêle fazer análise de grupo. Um cara dêsse é para ser assassinado em praça pública a pedrada.

DO — Você sonha muito?

MP — Puxa, cinco segundos que eu deito já estou sonhando. Às vê-

zes sem dormir mesmo. Ultimamente ando sonhando que estou grávida, que eu estou tendo uma filha.

DO — E os amores? Dá pé, ou não dá pé, os amores?

MP — Sei lá. Às vêzes dá. Dá por um tempo, né. É difícil. Muito complicado ainda. O terrível mesmo é fantasiar amor, isso é pior de tudo. Eu sou especialista. Projeto lá e fico daqui... De repente eu começo a ver que não é bem assim como eu tinha fantasiado, aí é terrível.

IC — Você é do tipo que gostaria de casar até morrer, etc?

MP — Aquela coisa de virar amizade, um hábito, eu acho horrível. Tem que haver uma empolgação, né?

IC — Você prefere acabar com o romance, ou prefere que o homem acabe?

MP — Eu tenho alguma dificuldade por mêdo de magoar, sabe? Deve ser horrível gostar de uma pessoa e ouvir "não dá mais". Eu nunca ouvi, não porque eu sou ótima, mas é porque quando eu percebo que alguma coisa tá errada, eu me detendo tanto, que antes de haver possibilidade da outra pessoa me dizer isso, eu já disse. Eu já me obriguei a não gostar mais.

DO — É uma atriz!

MP — Se uma pessoa tá se dando a mim, se dedicando, me comove muito. Porque eu não sou capaz de amar assim, sem nada em troca.

IC — Você se acha madura?

MP — Eu me acho muito planejada, não sei se madura. Já passei por muita coisa, que não gostaria de ter vivido. Me acho envelhecida.

DO — Quantos anos você tem?

MP — 28

DO — Se você fôsse um bicho que bicho você seria?

MP — Um gato.

DO Se fôsse uma flor, qual seria?

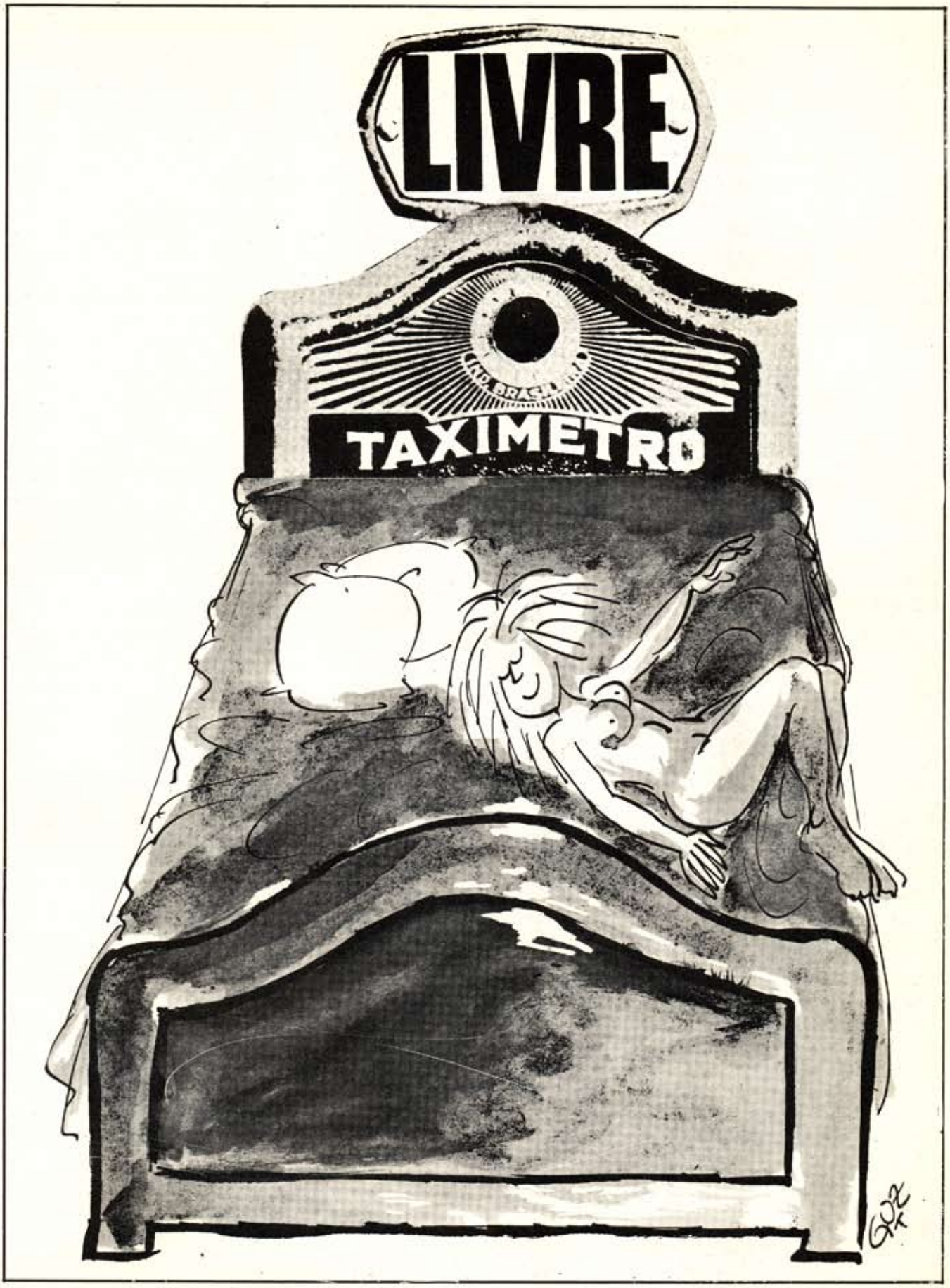
MP — Ah, não sei.

DO — Se você fôsse uma música?

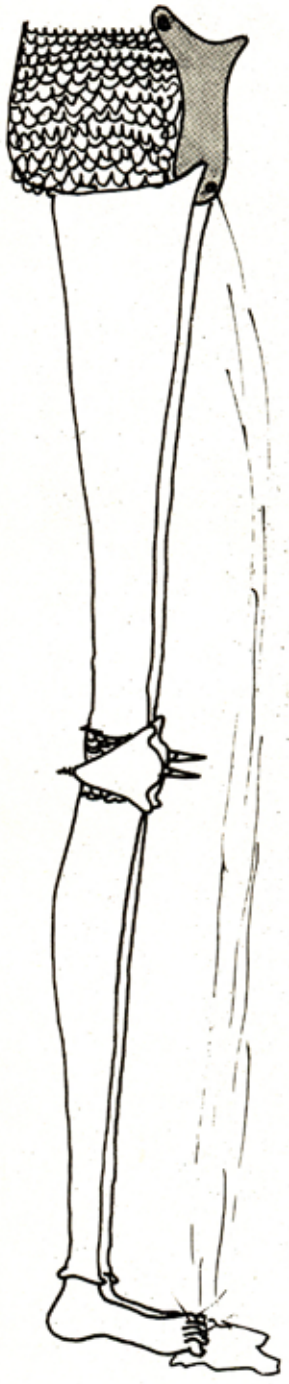
MP — Ah, não sei.

DO — Côr?

MP — Vermelho. Vermelho hemorragia.


LIVRE
TAXIMETRO

JOTA RUY: A DA LATA



Antes de mais nada, devo dizer que só me interesso pela minha braguilha e, assim mesmo, em circunstâncias inevitáveis. O leitor deve estar no mesmo caso, mas informação é informação. E se alguma leitora se interessar pelo assunto, o trabalho de abordá-lo estará compensado.

Óbviamente, a fôlha de parreira de Adão e a mini-tanga dos selvagens dispensavam braguilha, bastando afastá-las um pouco, para que as pernas não se molhassem durante a micção. O mesmo se dava com as tangas e as túnicas longas ou curtas de egípcios, assírios e babilônios. Mas as classes nobres dêsses povos envolviam a barba em saquinhos de tecidos preciosos e perfumados. Se faziam o mesmo com o outro elemento comprovador de virilidade, é pormenor que parece não ter chegado até nós.

Gregos e romanos também usavam túnicas longas ou curtas. Por baixo das primeiras, alguns, como o imperador Augusto, costumavam trazer calções de lã abertos na frente, como as ceroulas, servindo apenas de proteção contra o frio. Já germanos, francos e outros povos do norte da Europa usavam calções, calças e faixas de pano envolvendo as pernas, não havendo muita preocupação com braguilhas, porque as túnicas, geralmente, chegavam até pouco acima dos joelhos. À princípio, os romanos ridicularizaram êsses trajes, mas acabaram por adotá-los, por motivos de ordem militar. As túnicas curtas não protegiam os soldados do frio. E as longas atrapalhavam os movimentos durante os combates.

Assim, a Idade Média surgiu com vários tipos de calças, o mais comum constante de três peças. Uma era um calção curto e justo, aberto na frente, com os órgãos sexuais encobertos pela falta dianteira da camisa, enfiada por dentro do calção. As outras duas peças eram com meias compridas, prêsas do calção por meio de agulhetas, pequenos cordões de pontas metálicas. Eram calças pouco práticas, mas muito econômicas. Se uma das peças se danificasse, era substituida e as outras duas continuavam servindo. O que talvez explique a origem da moda de uma côr diferente para cada perna.

O aparecimento das armaduras alterou o sistema de braguilhas reinante. Os cavalheiros combatiam com metal protegendo a cabeça, o tronco e os membros, inclusive o viril, graças a uma pequena peça convexo-elipsóide, presa por fivelas ou nós corrediços. No Renascimento, ela passou para os trajes civis, talhada em gomos de couro ou tecido espêsso, com a forma de um pequeno melão. Entre as pernas dos bojudos calções, dava mais destaque ao que procurava esconder, tanto mais que alguns lhe exageravam o tamanho, simulando que eram muito bem dotados de sexo. Como no caso do sujeito que tinha uma garagem para dois carros e só guardava uma bicicleta dentro dela.

Os lansquenetes enfeitavam tanto essa peça, que ela bem poderia desfilar em um concurso de fantasias no Municipal de hoje. Rabelais descreveu a de Gargantua como uma enorme protuberância com a abertura do tamanho de uma bengala e bordada a ouro, diamantes,

BRAGUILHA

rubis, turquesas e pérolas da Pérsia. Prometendo dar mais detalhes em outra obra, intitulada *A Dignidade das Braguilhas.*

Com o tempo, êsse estôjo sexual não se limitou a encerrar o testemunho concreto da virilidade do homem. Com esplendorosa falta de higiene, acabou também servindo para guardar lenços, papéis importantes e dinheiro. Max Von Bohen, em *A Moeda,* citou um João de Schweinochen, de cuja barguilha conseguiram roubar cincoenta moedas de ouro. De qualquer modo, ela apresentava uma vantagem. Quando um cidadão do tempo ia a um bordel, a mulher escolhida podia ver logo se êle estava em condições de pagar os favores pedidos.

Mas, como São Paulo e a desvalorização do cruzeiro, a Moda não pode parar. O fim do século XVII trouxe calções mais simples e com braguilhas de botões, que escandalizaram os moralistas, temendo que ela facilitasse a prática do ato sexual em lugares inadequados. A Inquisição espanhola chegou a punir quem as usasse ou confeccionasse. Mas os homens não lhes deram importância e acabaram vencendo a batalha das braguilhas.

No final do século XVII, os militares puseram em moda o calção de montaria *à bávara,* muito justo na metade inferior do corpo e abrindo-se na frente por dois botões de cada lado da cintura, sistema chamado de *portinhola.* Causou escândalo, porque o centro ficava esticado como a malha dos bailarinos, revelando claramente o contôrno e o volume do membro viril. Napoleão usou dêsses calções, que parecem explicar a atração que as mulheres sentiram pelos militares do tempo e o entusiasmo com que os civis passaram a adotá-lo, por vêzes disfarçando com enchimento de algodão as imperfeições anatômicas das pernas e até a pequenez dos atributos sexuais.

A Moda mudou novamente e as braguilhas centrais de botões voltaram com as calças largas à marinheira, por possível influência da vitória de Nelson na batalha naval de Trafalgar e do absoluto poderio da esquadra inglêsa. Também voltaram os protestos dos moralistas, mas êstes, ao contrário da Inglaterra, perdem sempre a última batalha. E as braguilhas de botões aí estão até hoje.

Em nossos dias, apareceu a de *zip,* usada principalmente em calças, shorts e pantalonas de mulheres. É interessante, mas o fecho costuma enguiçar ou prender os pelos do púbis, arrancando-os dolorosamente, a um puxão mais rápido. Por isso, a braguilha do futuro parece ser a de tecido magnético, já usado para fechar frentes e bolsos de casacos, com ótimos resultados.

No mais, a braguilha tem sido tema de muitas anedotas. Entre elas, a do sujeito que entrou em um mictório e deu com um senhor muito aflito e de braços caídos, que lhe pediu:

— Podia me desabotoar a braguilha?

O sujeito pensou que se tratava de um paralítico dos braços e ajudou-o a realizar tôdas as operações da micção. Então perguntou:

— O senhor está paralítico dos braços a quanto tempo?

— A nenhum. O que eu tenho é nôjo de pegar nêsse negócio!

AO ZIP

ESCOLHA O SEU CARTAZ

PRÊÇO ÚNICO Cr$ 5,00

N.º 1

N.º 3

N.º 4

N.º 5

N.º 6

N.º 7

N.º 8

N.º 9

N.º 10

N.º 11

N.º 12

N.º 13

N.º 14

N.º 15

N.º 16

N.º 17

N.º 19

N.º 20

N.º 21

N.º 22

N.º 23

N.º 24

N.º 25

N.º 27

N.º 28

N.º 29

N.º 31

N.º 32

N.º 33

N.º 34

N.º 35

N.º 37

N.º 38

N.º 39

N.º 40

N.º 41

N.º 42

N.º 43

N.º 44

N.º 45

N.º 46

POSTER GRAPH EDITÔRA LTDA.

Rua Álvaro Alvim, 33/37 grupo 1013 - Rio de Janeiro

Por Favor, mandem-me os cartazes assinalados abaixo:

1	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17		
19	20	21	22	23	24	25		
27	28	29	31	32	33	34		
35	37	38	39	40	41	42		
43	44	45	46					

NOME_____

ENDERÊÇO_____

CIDADE_____ ESTADO_____

Pedidos pelo Reembôlso Postal - C.P. 15.065

A CILINDRADA

Da época de James Dean até hoje a motocicleta entrou e saiu de moda umas mil vêzes. Sua época áurea foi, sem dúvida, a dos Scorpions de São Francisco: homossexuais fortíssimos que se vestiam de negro e passavam os dias polindo os metais.

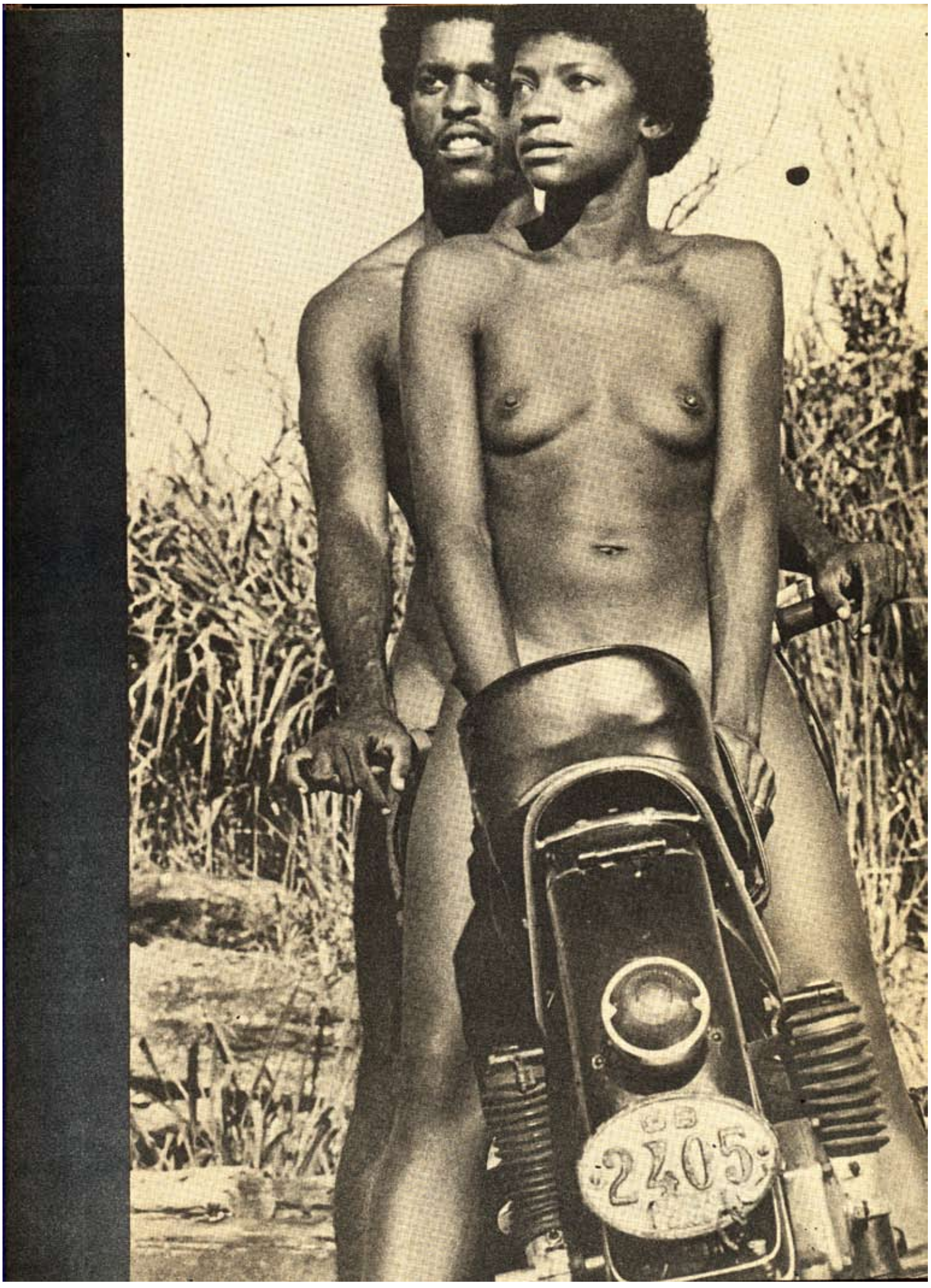
Considerada por uns como a imagem do charme e por outros como a da mais total cafonice, a motocicleta sempre estêve ligada, porém, ao erotismo. Elemento integrante de uma fachada apelativa, eis que lá vem ela de nôvo, trazendo consigo tôda uma sensualidade e um primitivismo dos mais modernos.

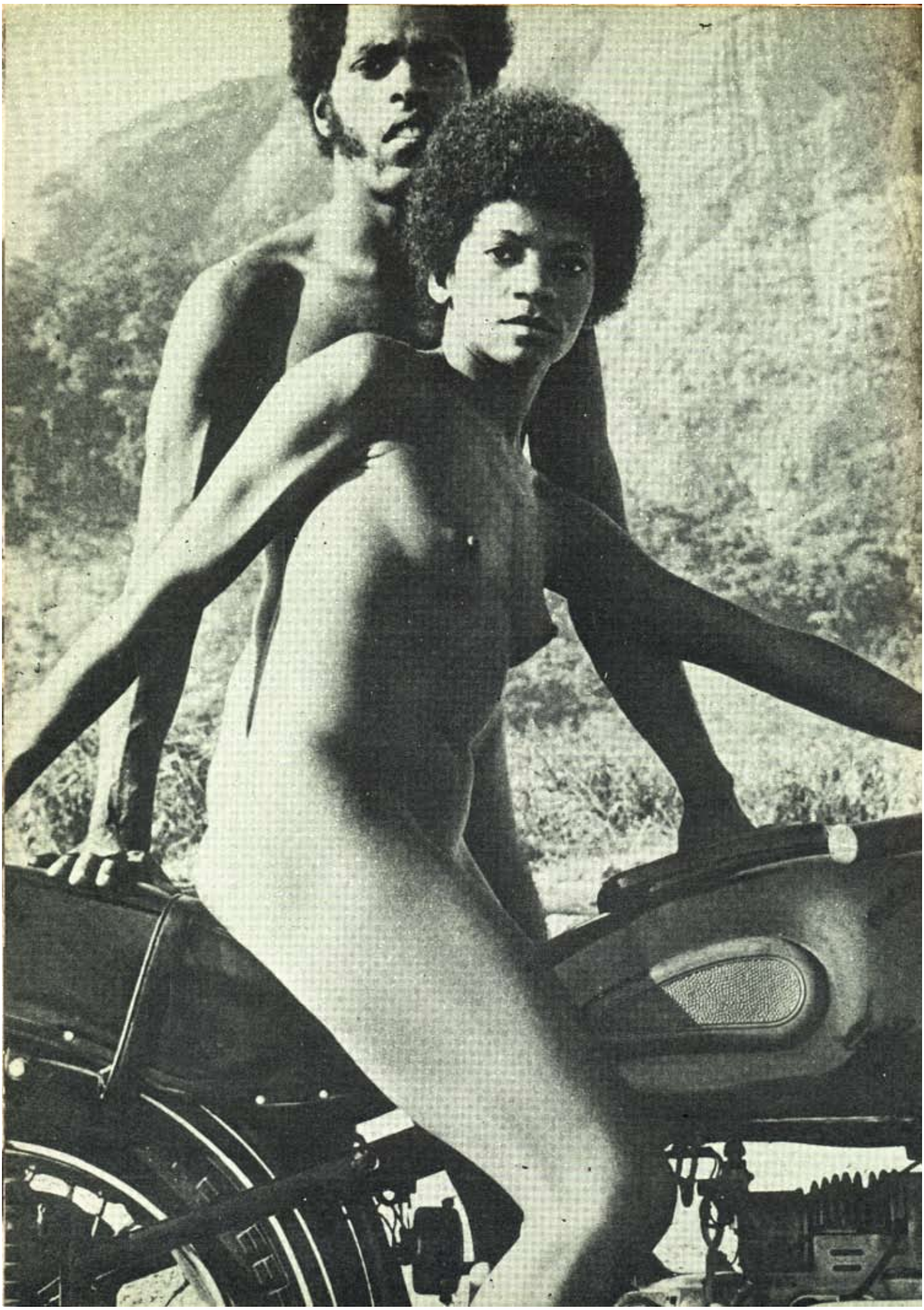
A critério de informação, aqui estão preços e especificações técnicas das duas marcas de moto com representantes no Rio de Janeiro: a *Honda* e a *Yamaha*. A *BMW*, que aparece nas fotos, só por encomenda; a *Leonette* tem apenas um modêlo: a *Leonette Mustang*, na base de dois mil e quinhentos cruzeiros, com 49 cc de cilindrada e velocidade máxima de 80 km por hora.

HONDA

Modêlo e cilindrada	*Prêço*	*Quilometragem real*
SS-50	Cr$ 3.500,00	100 km/h
ST-50	Cr$ 4.100,00	55 km/h
ST-70	Cr$ 4.750,00	60 km/h
ST-90	Cr$ 5.400,00	100 km/h
CB-100	Cr$ 6.200,00	110 km/h
CB-125	Cr$ 7.600,00	130 km/h
CB-175	Cr$ 8.750,00	150 km/h
CB-250	A Honda parou de importar	
CB-350	Cr$ 10.500,00	165 km/h
CB-450	Cr$ 13.500,00	180 km/h
CB-750 (só por encomenda)	Cr$ 21.500,00	200 km/h

Nota: As motos SS-50 ST-50, ST-70, ST-90 e CB-100 têm um cilindro; as CB-125, CB-175, CB-250 CB-350 e CB-450, dois cilindros e arranque automático; a moto CB-750 tem quatro cilindros.


2405

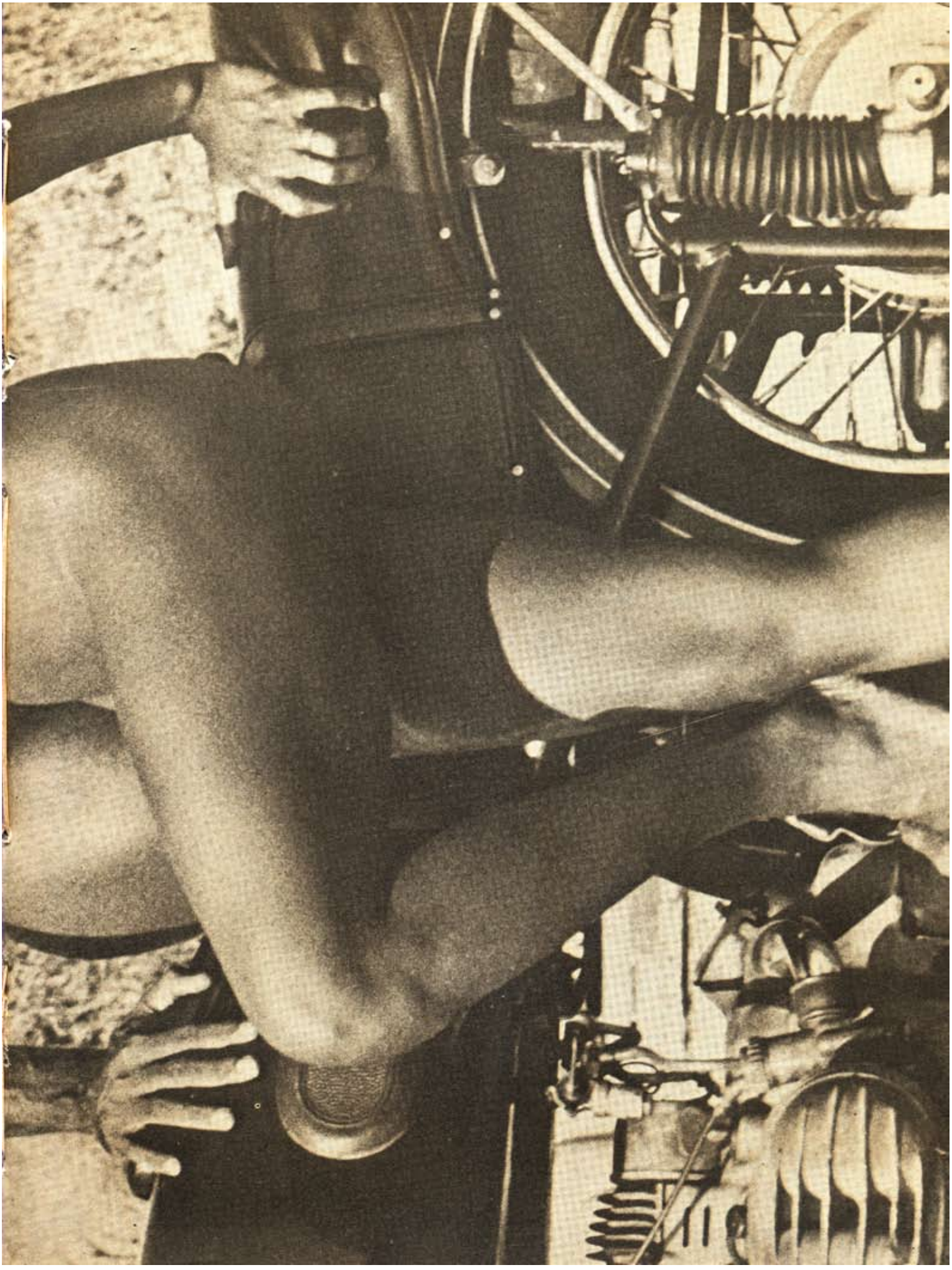


YAMAHA

Modêlo e cilindrada	*Prêço*	*Quilometragem real*
F5S-50	Cr$ 3.400,00	90 km/h
FSL-50	Cr$ 3.700,00	95 km/h
ASI-125	Cr$ 6.000,00	120 km/h
ATIE-125	Cr$ 6.500,00	110 km/h
CS2E-180	Cr$ 8.000,00	120 km/h
R5-350	Cr$ 12.800,00	180 km/h

Nota: O representante da *Honda* é a Motojet: Avenida Princesa Isabel; o da *Yamaha* é a Motorama, na rua Francisco Otaviano.

A POMBA



AS ULTIMAS DO REDI

Redi

Redi,que começou sua vida como catarinense, hoje acumula os títulos de arquiteto, fotógrafo publicista, decorador, pilôto, sertanista e desenhista de humor. Não satisfeito, ingressou num cursinho de artigo 99, já tendo sido muito elogiado pela sua caligrafia perfeita e bom comportamento durante as aulas.
Essas são as suas últimas.

BOAS NOVAS! VOCÊ VAI DEIXAR O HOSPITAL BEM BREVE...
Redi

NÃO TENHA MEDO! HOJE EU NÃO QUERO SANGUE...

VOS DECLARO
MARIDO E MULHER
ATÉ QUE A SORTE
VOS SEPARE...

VOCÊ ESTÁ
APENAS ATRAVESSANDO
UMA FASE, AMIGO...
Redi

POSTER GRAPH EDITÔRA Ltda. Rua Álvaro Alvim, 33/37, grupo 1013 — Rio · Tel.: 232-8637. C. P. 15.065.

Peço enviar-me os Seguintes Posters:

1 ☐ **Mulher 70**

2 ☐ **Katerine Meil**

3 ☐ **Franco Nero**

4 ☐ **Robert Redford**

5 ☐ **Jane Birkin**

6 ☐ **Pierre Clementi**

Apenas Cr$ 5,00 cada

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ **Estado** _____

A ESTRADA

JOEL MACEDO

As duas linguagens maiores da nossa geração (de hippies, de "freaks" ou de pássaros, como vocês preferirem) são a música pop e as estradas.

Americano, inglês, alemão ou holandês que não está fazendo um som está fatalmente rodando o planêta de carona, buscando sua expressão na solidão das estradas, "cruzando em tôdas as direções como sangue nas veias do mundo", para usar a imagem do Manoel, um dos primeiros brasileiros a fazer a rota do Nepal por terra.

A primeira ligação consequente entre estrada e liberdade veio com o nosso padrinho Jack Kerouac que já estava de mochila nas costas no ano em que eu estava nascendo: 1947. É claro que os ciganos estão nessa há séculos e são os verdadeiros precurssôres da raça hippie, mas o fio de influência filosofica que levou nossa geração a povoar as estradas vai encostrar sua origem nos livros de Kerouac, "On the road" e "Lonesome Traveller".

No princípio da década de 60, Bob Dylan aparece com sua música, escrita à beira de uma estrada qualquer no interior dos Estados Unidos e passa a ser o profeta direto desta atitude libertadora. Dylan rodou 5 anos em carroceria de caminhão, guitarra em punho, amadurecendo seu recado sôbre a vida do viajante levado pelo vento que se realiza na pobreza e no encontro com gente, de todos os lugares e de tôdas as espécies. A estrada passa a ser, então, para as gerações que se seguem, a maior das "escolas de vida" e à partir de 63, centenas que mais tarde se transformariam em milhares de jovens, começam a abandonar suas cidades e seu futuro e se tornar como Dylan, uma "rolling stone", pegando carona no "Highway 61", para ir ao encontro do "Mr. Tamborine Man".

Hoje não há lugar no mundo onde não estejam os "flowers" (como os hippies viajantes são chamados). E durante êsses quase 10 anos tôda uma cultura das estradas foi se criando e se desenvolvendo, com rituais, um vastíssimo código de ética e tôda uma linguagem que nenhum viajante com mais de três mêses de estrada tem condição de ignorar. Califórnia, Ibiza, Amsterdam e Marrakesh fôram as palavras de ordem 69. Formentera, Míkonos, Kopenhagem, Afganistão e Katmandú e Gôa, os mais curtidos de 70 e para êsse ano as pedidas são Malásia, Indonésia, East África e América do Sul, sendo o Perú e a região do Amazonas os dois lugares que exercem maior fascínio em nosso continente.

O VIAJANTE

Traçar o perfil de um "flower" é quase impossível. Êle tanto pode ser — como Brother John — um professor de filosofia que aos 27 anos largou tudo, deixou crescer os cabelos e a barba e inspirado em Cristo resolveu peregrinar descalço pelo resto da vida ou — como Francine — uma menina de 14 anos que fugiu da América simplesmente porque não queria continuar indo a escola e acabou chegando a India, sòzinha, ainda com 14 anos mas já muito longe de ser uma menina, depois de ter sido raptada e violada no Afganistão.

A diferença de idade, propósitos e estrutura entre Brother John e Francine ao pegar a estrada e mesmo depois de já estar nela é muito grande mas num hipotético encontro dos dois ela se aniquila (hipotético porque no momento Brother John deve estar no Perú subindo para a América Central e Francine voltando da Ásia em direção à Scandinávia). A estrada se encarrega de dar a mesma dimensão a todos os viajantes e a linguagem do repeito e do amor é uma só. O passado, presente e futuro de Brother John, ex-intelectual de 30 anos, à beira de uma estrada são o mesmo que o de Francine, ex-menininha problema, hoje com 15 anos.

As razões porque as pessôas pegam a estrada também varia muito. A mais comum ainda é, *não ter uma razão*. É pegar simplesmente. Como um impulso natural. Eu me lembro que nunca planejava o dia que ía sair de determinada cidade e voltar para a estrada. Era tudo questão de momento. De sopetão. Não entrava planificação e não havia tempo para pensadas e ponderações. Era confiar no vento. Que é um guia infalível do viajante.

A única rota que eu tracei foi antes de sair do Brasil. Um dia, depois de ter encontrado na praia de Ipanema um americano acampado que estava viajando o mundo, eu peguei um dêsses atlas de colégio e comecei a desenhar uma rota que eu gostaria de fazer. No mapa ficou tudo tão simples que eu tive a certeza que faria tudo. Entre os lugares que eu tinha marcado prá ir estavam o Marrocos e o Nepal. Um ano e pouco depois eu chegava a Katmandu depois de ter viajado o Marrocos e ter atravessado a Ásia tôda de carona. Antes tinha feito os Estados Unidos, o Canadá e a Europa e minha mochila que no início pesava 25 kg. foi baixando de pêso, chegou a 4 kg. e acabou dando lugar a um embornal onde eu só levava uma calça e uma camisa extra, pasta e escôva de dente, um agasalho e alguns livros, entre os quais a Bíblia. O viajante experimentado odeia carregar pêso. Êle quer estar sempre apto à correr de um lado para o outro sem grilos de bagagem e sentir a liberdade indiscritível de não ter nada para tomar conta ou se preocupar além de seu próprio corpo.

O CÓDIGO DE ÉTICA

É na estrada, no meio das privações e dificuldades que se aprende a ser profundamente gente. Que se aprende a prática do amor, da ajuda e da partilha.

Dar comida a quem tem menos dinheiro, jogar no primeiro carro aquêle que vai para mais longe, respeitar ordem de chegada quando são muitos na mesma estrada esperando carona, são alguns dos princípios éticos, cumpridos pelos viajantes em tôdas as partes do mundo. Os "flowers" dos Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, Ca-

nadá, Alemanha e França, pela ordem os que mais povoam as estradas, sabem tudo e encaram as obrigações éticas em viajem, como uma religião. E tôda uma transmissão de princípios é feita diàriamente aos mais novos e aos viajantes de outros países que já começam a aparecer por todo lado, como da Dinamarca, Finlândia, Áustria, Itália, Japão, Suíça, Suécia e até Rússia (encontrei um hippie russo na Alemanha) e Vietnã (um vietnamita encontrei no Marrocos). Em 1970, que eu saiba, tinham 4 brasileiros fazendo as rotas da pesada de carona. Manoel. Bina e eu que subimos os Himalayas até o Everest, completando a rota do Nepal e um tal de Nelson que eu não conheço mas que muita gente ao saber que eu era brasileiro falava nêle. O que eu sei do Nelson é que êle fêz a Europa, a África do Norte e chegou até o Afganistão, o que já dá pra sentir que o cara é de estrada.

As mulheres tem um papel meio de sacrifício nêsse código de ética. Mas elas o cumprem com alegria. Parte-se da premissa de quem está viajando no dêdo (pegando carona) não tem pressa. As mulheres quando estão em dupla têm sempre que ajudar se por acaso encontram dois caras tentando juntos. Para duas mulheres fica extremamente fácil mas para dois homens, extremamente difícil. Trocando, formando dois casais, fica equilibrado. Quando para um carro para um dos casais tenta-se uma transação para colocar os dois homens dentro e as mulheres ficarem para depois (que será logo em seguida) mas se não der marca-se mesmo um encontro no caminho para as duas duplas originais se reencontrarem e seguirem juntas.

Quando acontecem refeições à beira da estrada, nunca existe a *minha* comida, a *tua* comida e a comida *dêle*. Funciona o processo da "joit" O pão passa na roda, todo mundo vai no queijo e a garrafa de vinho roda de bôca em bôca. Geralmente quem compra tudo é quem está com mais dinheiro ou quem está indo para o lugar mais perto. Quando eu descia a Iugoslávia meu dinheiro foi roubado enquanto eu dormia num parque. Fiquei só com 40 dólares para ir de Belgrado até a Índia. Encontrei um canadense que estava indo para Israel trabalhar num *kibutz*. Fomos junto até Istambul e durante todo o percurso (descemos a Iugoslávia e cruzamos a Bulgária inteira) êle não me deixou pagar nada pois êle tinha dinheiro suficiente para chegar a Israel (seu destino) e eu estava arriscado a não ter grana suficiente para chegar até a Índia (meu destino). Acabou dando tudo certo e os 40 dólares deram exatinho para ir de Istambul até Nova Délhi, indo parando 2 semanas no Afganistão.

AS ROTAS

Eu comecei na estrada em março de 69 nos Estados Unidos. Ta-

va morando em New York e cheio de morar em cidade resolvi atravessar o país por terra. Fui até a Califórnia pela rota do norte que corta por Illinóis, Missouri, Kansas, atravessa as Montanhas Rochosas no Colorado, passa por Salt Lake City e vai dar em Berkeley e San Francisco. É uma das três rotas quentonas da América. New York-Los Ângeles, via Oklahoma, Texas, Arizona e Nôvo México. Mas o govêrno dêsses dois últimos estados começou a cobrar uma taxa de 10 dólares para cada viajante em trânsito que na verdade só se aplica a quem tiver cabelo grande e um saco nas costas e desde aí a freqüência desta rota caiu muito.

A terceira rota "quente" dos Estados Unidos e talvez a mais "porrêta" é a rota de 'Easy Rider". Ir da Califórnia até a Flórida atravessando os Estados do Sul parando para o Mardi-gras em Nova Orleans, visitando a região do Mississipi e acabando nas praias do Atlântico (se não acontecer o mesmo que aconteceu com os caras no filme). A carona funciona muito bem nos Estados Unidos todo, mesmo no sul, onde no entanto, todo cuidado é pouco. A receita para viajar pelo sul é não aceitar provocação. Nenhuma mesmo. Há quem diga que se o personagem de Dennis Hooper, em Easy Rider, não tivesse feito aquêle sinalzinho com os dedos em resposta a provocação do cara do caminhão, êste não teria atirado.

Fora dos States as rotas do Marrocos é mole. É logo ali debaixo da Europa. A do Nepal já exige mais peito, talento, experiência e dinheiro, òbviamente. Setenta dólares é o mínimo com que se deve deixar Londres para se ter certeza de completar a rota do Nepal.

A rota do Nepal tradicional significa: descer a Europa pela Iugoslávia, dar uma parada em Istambul para apanhar "vistos", consultar mapas e outras mil transas das quais Istambul é o centro, cruzar tôda a Turquia onde só pinta carona de caminhão, o Irã que são 2 mil km. de deserto, chegar e ficar um pouco no Afganistão (terra que é hoje o que o Marrocos era há 5 anos), cruzar o Paquistão a mil que ninguém é de ferro, chegar a Índia, morar por uns dias na Sonny House em Nova Delhi é seguir praa o Nepal. No carro de alguém que você encontrou no Sonny ou de trem que pode ser uma "bad trip" ou uma experiência belíssima. O vale de Katmandu é considerado o ponto final da rota do Nepal.

A última palavra em rota, é no entanto, a da Indonésia. Seguramente deve ser a maior jogada de 71. No ano passado já tinha muita gente fazendo. A rota da Indonésia significa cruzar o gôlfo de Bengala em direção à Burma, descer de carona pela Tailândia e Malásia até Singapura (a carona é boa nessa região) e daí pegar um barco para Djakarta, já na Indonésia. Depois seguir até Bali, uma ilhazinha que o Gandhi definiu como o último dos paraísos sôbre a terra.

Embora Bali seja o objeto final da rota da Indonésia, muita gente acaba mesmo esticando até a Austrália que é um grande quebra-galho financeiro. É o único lugar na região onde se pode arranjar trabalho e fazer algum dinheiro pra tocar pra frente.

Desprezados como os ciganos, perseguidos como os judeus da Bíblia, os "flowers" tranqüilos, continuam vagando por todo o planêta. Se um dia vão se unir e fundar um Estado Hippie não se sabe, embora muita gente comece a admitir essa hipótese. Por enquanto estão só aprendendo vida. E assim como matemática se aprende na escola e química na faculdade, vida se aprende mesmo é nas estradas.

QUE TIPO DE GENTE NÃO LÊ "A POMBA"

Um cofre de porquinho para cada um e amanhã seus filhos terão a segurança que êle não teve. E aí sim, vão compreender que era válido o clima de aparente aridez em que viveram. E que a falta do trenzinho elétrico de hoje pode significar a siderúrgica de amanhã. Um homem muito ligado no futuro, um *bon vivant* a longo prazo. Por enquanto nada de falsos risos, beijos e afagos; para longe de si com as traiçoeiras compreensões, harmonias e poltronas. De pé e investindo. Poupança e abstinência. E a mulher que se comporte pois se *time is money*, a carne é fraca e o cofre é forte. Viva o útil, e o agradável que se dane, enganoso e relaxado que é. Um grão aqui, um grão ali e vai-se atulhando o incomensurável papo. Na bôlsa dos valôres, para cada omissão uma nova Ação, com seus filhotes. Em cada viajem não feita, em cada filme não visto, na demissão da empregada, em cada praia não ida, em cada esmola não dada. E êle, é claro, não lê A POMBA.

O ÉDITO FINAL

conto de Marcílio de Moraes

ilustração de FERNANTO

Durante a noite inspeciono minuciosamente as dependências do meu palácio. Isto porque durante o dia estou muito ocupado e não seria justo abandonar os interêsses gerais para cuidar de uma tarefa que, vista por êste ângulo, é de segunda importância. Mesmo assim jamais deixo de cumpri-la, embora para isso tenha que sacrificar o sono. Mas já há muitos séculos que perdi êste hábito tão prezado entre meus súditos: dormir. Para um cidadão comum é impossível compreender, bem o sei, mais é tão fantástica a soma de preocupações que esmaga um estadista do meu porte que coisas como essa adquirem uma dimensão insignificante, e a memória acaba por perdê-las através dos anos.

O mesmo aconteceu com a minha paciência. Houve um tempo — há muitos séculos, não lembro quantos — em que eu exercia o meu destino com uma alegria radiante. Creio mesmo que o maior prazer das pessoas era ver o meu sorriso. Muitas não chegavam a resistir, morriam no ato.

Naquele tempo eu admitia a presença de milhares de pessoas a minha volta. Isto aqui vivia tão cheio que a quilômetros de distância se podia ouvir o vozerio. De vez em quando preparavam-se grandes banquetes e do meu gabinete lá em cima eu assistia a carnificina que se prolongava por semanas. O número de animais sacrificados era tal que o pátio interno se cobria de sangue e as crianças mergulhavam e nadavam.

Mas não há nada que resista ao passar dos tempos, nem mesmo eu. Pouco a pouco um desespêro surdo foi tomando conta das minhas entranhas como uma unidade maligna. O sorriso, antes tão pródigo, foi secando em meus lábios e aquela suave inocência dos que me cercavam foi se transformando em mêdo. Eu via isso e nada podia fazer. Sabia que o desespêro é um caminho sem volta e que o meu, devido a êste destino magnificente e terrível, seria o maior de todos. Tinha plena consciência disso. Os súditos, interessante, embora incapazes da consciência absoluta, pressentiam o que acontecia. Aconchegavam-se a meus pés, o olhar de uma tristeza dilacerante, e gemiam horas seguidas.

— Mestre, não nos abandone. O que será de nós?

Eu tentava apaziguá-los. Vãs palavras, que nem mesmo na minha boca adquiriam qualquer convicção.

— Mas o que temeis, não estou aqui convosco?

— Está... E não está.

E arrebentavam em chôro convulso. Eu nada podia dizer. Calava-me, acovardado diante daquela dor.

Tamanho era o meu tormento que cada vez mais fui evitando qualquer convívio. Passava anos trancado no gabinete sem admitir a presença de ninguém e ouvia os passos aflitos no corredor, as vozes em cochicho para não me incomodar.

Êles esperavam, esperariam sempre, por todo o resto dos séculos. Nada mais tinham e mesmo se tivessem não aguentariam a existência sem mim. E eu não os suportava mais. As raras vêzes que aparecia, para um ou outro escolhido a dedo, eram os momentos de maior sofrimento que eu já experimentara. Mas não podia me decidir a expulsá-los, embora soubesse que isso teria de ser feito mais cedo ou mais tarde.

Sem a minha interferência durante tanto tempo o caso foi tomando conta de tudo. As desgraças se sucediam uma após outra. Êles se rebelaram. No fundo nunca poderiam imaginar que o fizessem. E acho mesmo que foi simplesmente a surprêsa que me provocou tamanha fúria. Mas foi como uma libertação. O ódio começou a se formar nas vísceras e veio subindo até a cabeça. Naquele momento alguma coisa se rompeu dentro de mim. Até hoje não pude definir bem o que.

Foi com indizível prazer que transmiti as ordens à cavalaria:

— Morte e destruição.

Desde então nunca mais admiti ninguém em meu palácio. Apenas ouvia ao longe as suas preces de remorso e arrependimento. Ofereceram-me todos os sacrifícios e presentes que podiam imaginar, implorando-me que os deixasse voltar, ainda que não me vissem mas apenas para estar próximos de mim.

Confesso que aquela inocência me comovia. Mas eu tinha conseguido me livrar dêles e durante aquêles séculos êste fôra o meu maior desejo. Não podia voltar atrás. Respondi brutalmente, lançando mais desgraças.

Por fim foram desistindo. Primeiro uns poucos, depois outros em cada vez maior número. Aquilo me agradava. Finalmente poderia me entregar ao meu próprio desespêro.

O tempo foi passando e êles começaram a agir como se eu não existisse. Para tudo foram inventando explicações que prescindiam da minha interferência. Obsecado pela dor nunca me importei com isso. Dirijo as coisas de longe, sem me mostrar. Apenas uma vez ou outra, quando o sofrimento é demasiado, escolho um dêles ao acaso e o trago aqui. Durante tôda uma noite eu lhe explico o desespêro, ponto por ponto. Observo atentamente o processo de conscientização por que êle vai passando. As feições vão ficando transtornadas e chega um momento, que creio ser o da consciência absoluta, em que êle não resiste mais e então estoura como uma bola de ar.

É êste o único prazer que tenho tido nos últimos séculos. Mas já não me satisfaz. Nada é capaz de fazê-lo. Possuo todo o poder imaginável e exercê-lo é para mim o maior martírio. Por outro lado odeio os meus súditos, principalmente o seu orgulho hipócrita. Por isso assinei a mini exoneração e a tenho aqui comigo, dentro do manto.

Enquanto não me decido a afixá-la num lugar qualquer, vou passeando pela cidade. Ninguém me reconhece e é gostoso andar assim no meio dêles, levando esbarrões e ouvindo insultos, sabendo que no momento em que eu quiser êles se arrastarão na lama de desespêro. Basta colocar o édito final naquele poste ali, por exemplo.

A dor é a dimensão
humana do amor.
Nascimento é amor
parto é dor.

No fundo do amor
está a dor.
Cristo é amor
Jesus é dor.

A dor é onde
se localiza o amor.

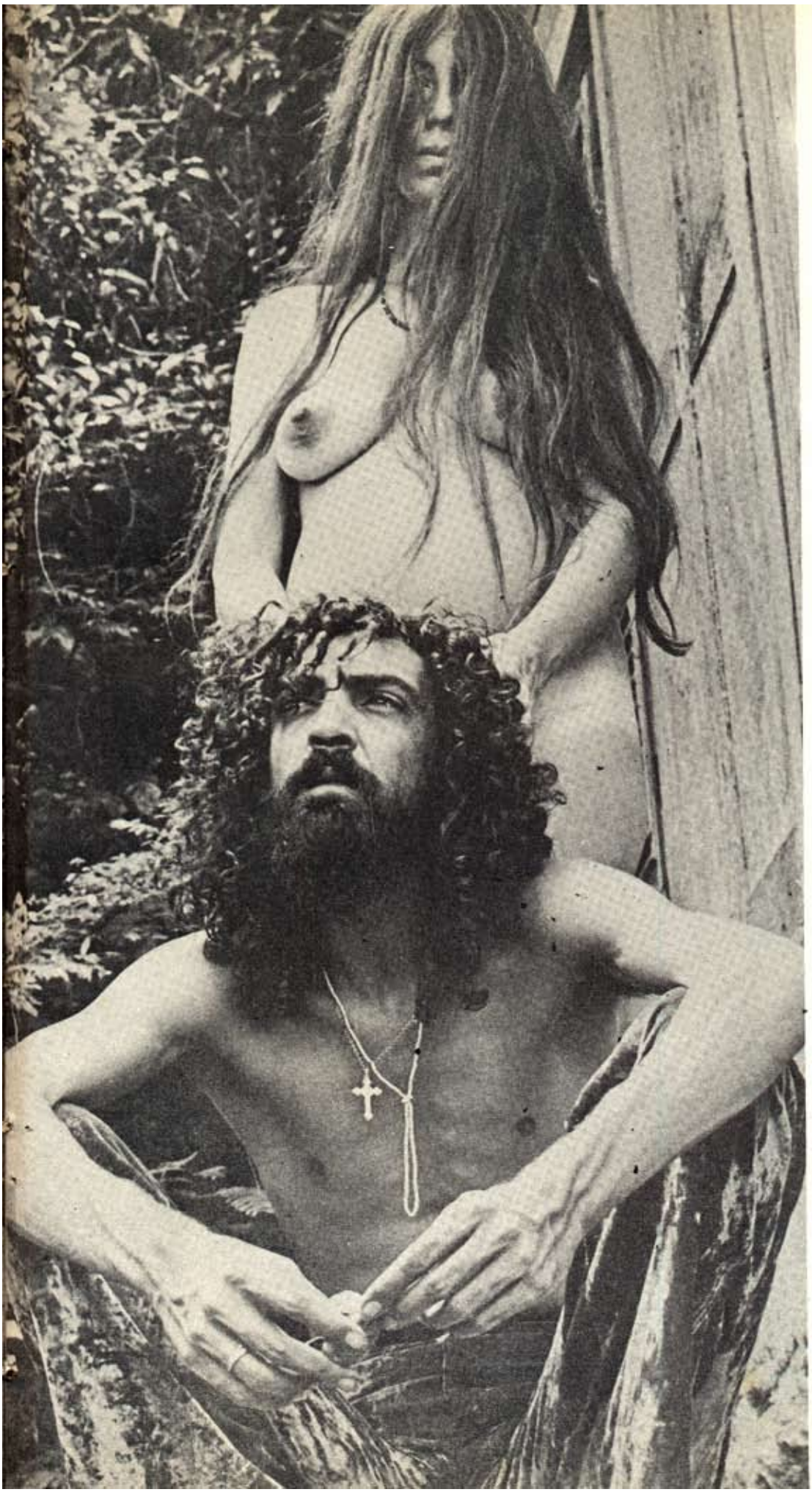
A relação
de amor é dor
A união absoluta
é amor
Fora do absoluto
o amor é dor.

in

Fotos de RICKY. Poema de JOEL MACEDO
Posaram: MARILINHA e PAULINHO BÔCA DE CANTOR

Maya é dor
Iswara é dor
Prakriti é dor.

Na união com Deus
infinito amor
eterno amor
cósmico amor



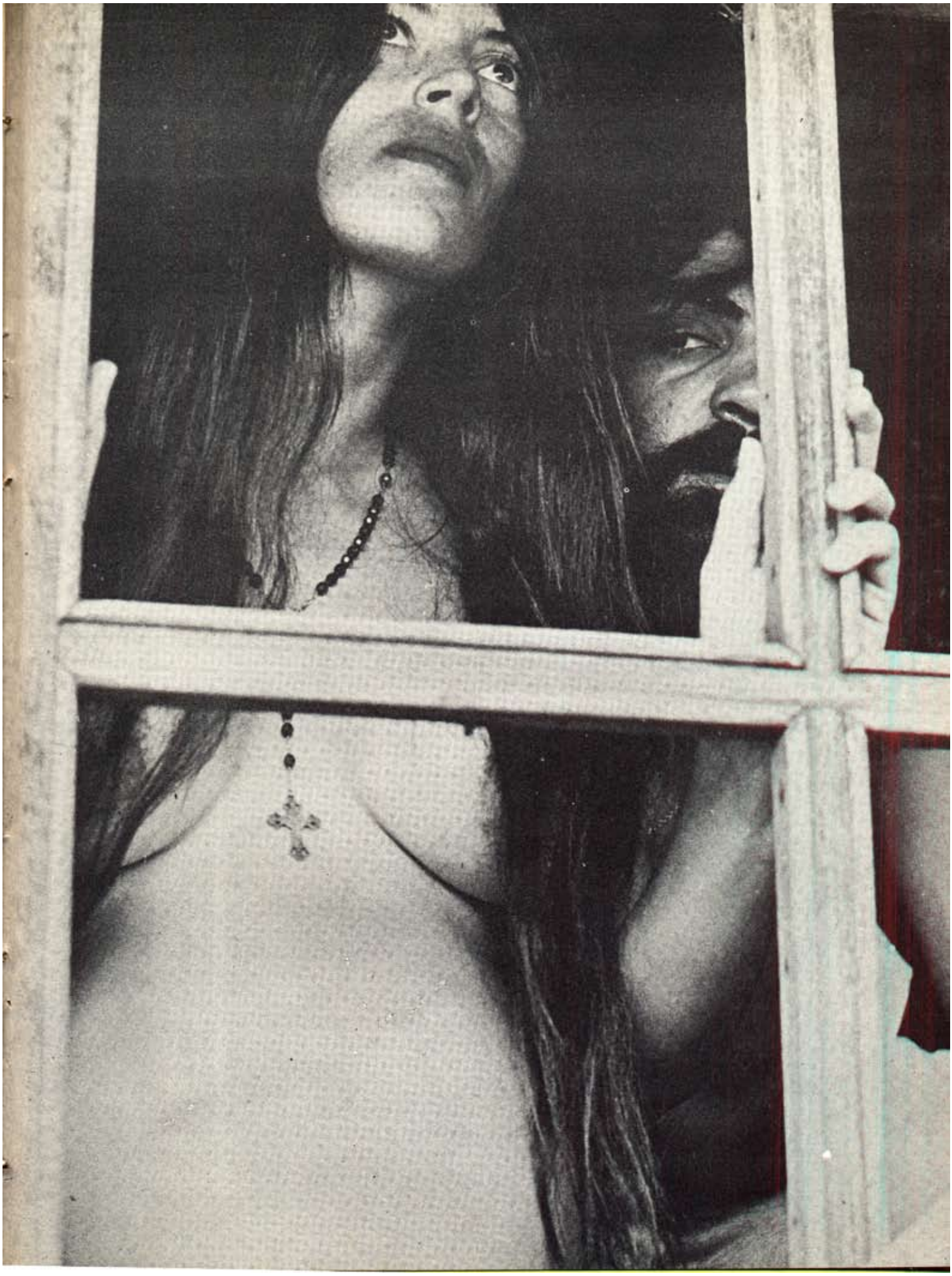
A dor é a dimensão
humana do amor.

Nascer
voltar ao início do
fio que se extende
até onde?
até quando?

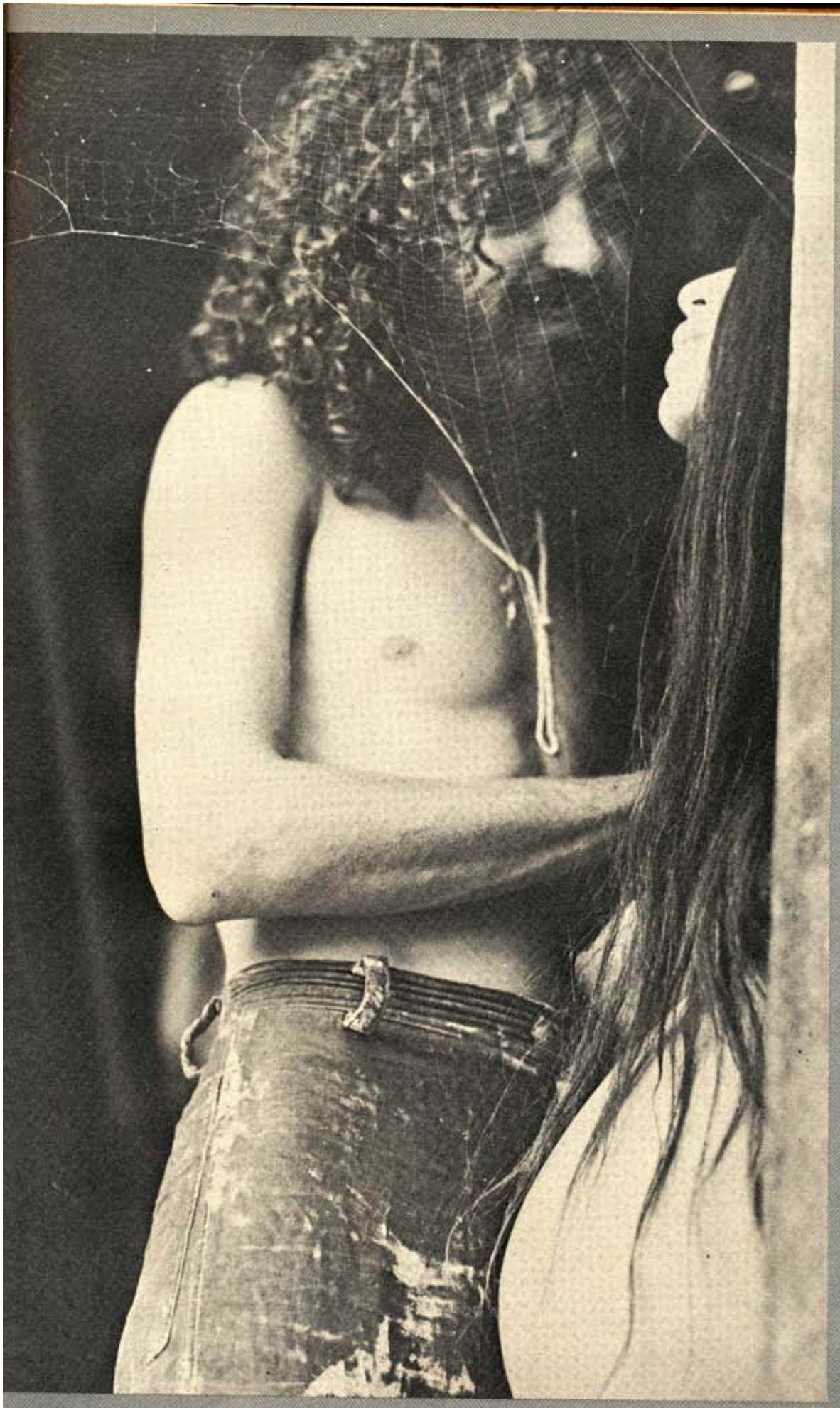
Nascer
ato de dor
produto de amor
em nome da evolução dos Jivas
e do sofrimento etéreo

Nascer
hipótese de amor
produto da dor
de não se saber a origem da causa
ou a causa da origem.

Se Deus é o conceito pelo qual
medimos nossa dor
Deus é o conceito pelo qual me-
dimos nosso amor.



Marilinha
e
Paulinho
Bôca de Cantor



FIM

SIDEUBEM

POR Al

Um lançamento da

Editôra Bonde

poemas

de

CLAUDIO

MURILO

autor de

POEMAS

NOVOS POEMAS

FONTE

GESTO SOLIDÁRIO

AS DOZE HORAS

A ROSA PRÁTICA

A MUSA ALIENADA

Pedidos também pelo reembôlso postal. C.P. 15.065

Cr$ 4,50

Um livro de humor de **Quincas & Edu** com cartuns de **Al** e ilustrações de **Elvira Vigna.**

Prefácio de **Ziraldo**

A PULGA NINFO-MANÍACA

Pedidos também pelo reembôlso postal.
C.P. 15065

Cr$ 10,00

A revista A Pomba foi feita dentro da minha casa.

Era lá que funcionava de fato as editoras Poster Graph e Bonde.

A primeira editava revistas, a segunda, livros.

Na época, Eduardo Prado, idealizador de A Pomba, era meu companheiro.

A revista saiu irregularmente entre setembro de 1970 e julho de 1972.

Eu não participava muito de suas decisões editoriais.

Fiquei mais com a produção.

E com os livros da Editora Bonde.

O último número de A Pomba, porém, me teve como coeditora.

Pus a revista aqui no site porque ela fez parte da minha vida.

E também porque fez parte da imprensa marginal alternativa da época.

Houve várias publicações do tipo sob a ditadura militar.

Não há interesse financeiro nessa minha iniciativa.

Meu site, aliás, não vende nada.

Não tem nem anúncio de nada.

Mas se você trabalhou na revista e não concordar, me fale.

Tiro seu texto, desenho ou foto imediatamente.

meu email:
evigna@vigna.com.br

veja aqui as outras edições de A Pomba

http://apomba.vigna.com.br/